

Povos Indígenas no Brasil

Fonte Shopping News Class.: 114
 Data 14/04/85 Pg.: _____

190

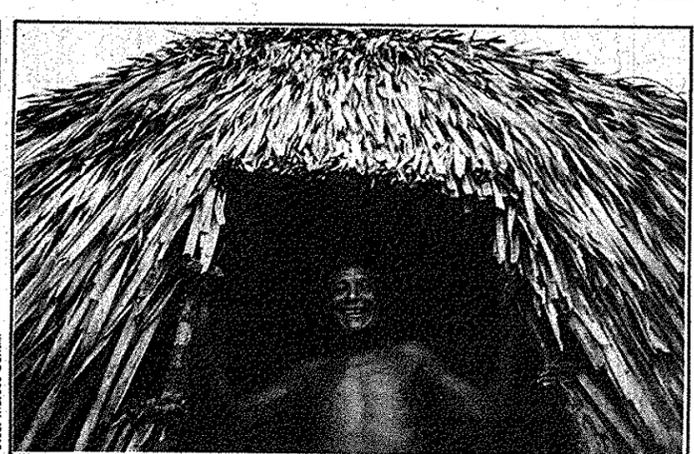
Semana do Índio

Matias José Ribeiro

Uma comemoração que mistura política e show



Na homenagem ao índio, Eliete, Tetê, Lucina, Luli e Marlui



No disco Paiter Merewá, música e história dos índios Suruí.



Foto: Mauro Pedrosa/ATP

Krenak: "O Estado trata com descaso a cultura indígena."

Palestras, debates, show musical e lançamentos de disco e livro são as atividades programadas para comemoração da Semana do Índio, evento a realizar-se nos próximos dias 19, 20 e 21 no Sesc-Fábrica Pompéia. A "semana" pretende ser uma oportunidade de "confraternização, inspiração e solidariedade entre as etnias que chegaram primeiro e as que chegaram depois às terras brasileiras, e de denúncia aos impedimentos a que elas coexistam juntas e em paz".

Até mesmo por falta de tempo até aqui para a tomada de uma nova postura governamental em relação às questões indígenas, na Nova República continua a mesma a situação do índio brasileiro. Persistem sem solução, por exemplo, questões graves como a falta de demarcação de terras ou a violação à demarcação, quando ela existe. Por isso, especialmente neste ano, as comemorações da Semana do Índio voltam a revestir-se de caráter mais político, aspecto acentuado pelo distico "Pela defesa da terra e da autonomia indígenas — Agora e na Constituinte", espécie de lema adotado para o evento.

São justamente as palestras de cunho político que abrem a programação, a se repetir nos dias 19, 20 e 21 — sempre às 20h30, no Sesc-Fábrica Pompéia (Rua Clélia 93), com ingressos a Cr\$ 5 mil e Cr\$ 3 mil (comerciários). Os convidados são os deputados federais Márcio Santilli e Eduardo Suplicy, membros da Comissão do Índio da Câmara dos Deputados, e ainda o índio Ailton Krenak, líder da nação Krenak da região do Vale do Rio Doce, em Minas Gerais.

Ailton, um dos mais ativos integrantes do conselho diretor da UNI — União das Nações Indígenas, terá como base de sua intervenção a "continuidade da mesma luta da Confederação dos Tamoios, para resistência à invasão das terras indígenas". Para ele, é um desrespeito — e também uma evidência "do desleixo e do descaso com que o Estado trata a expressão cultural indígena" — que a Confederação dos Tamoios, de 1535, um dos primeiros episódios da relação no Brasil entre índios e não índios, seja praticamente ignorada pela história oficial. Daí sua luta para que a Confederação dos Tamoios seja lembrada, para que se "resgate a cultura e o direito histórico dos índios, primeiros povos a estar em terra brasileira, de viverem aqui e terem sua cultura respeitada".

MOMENTOS DE ENCONTRO

Dominante nas palestras do início, o lado político do evento volta a surgir também no final das três noites, quando ocorrerão debates livres sobre a questão indígena. No intervalo, os índios serão lembrados e homenageados em um espetáculo musical com Marlui Miranda, Tetê Espíndola, Eliete Negreiros, Luli e Lucina, e ainda o percussionista Caito Marcondes. Pela primeira vez reunidas em palco, as cinco cantoras confessam que há muito se curtiam e tinham desejos de fazer coisas juntas. Agora "aproveitando o índio como pretexto", concretizam o sonho na criação de um show onde expressam toda a simpatia que têm pela causa indígena.

Não houve maiores dificuldades na elaboração do roteiro, dizem. Foi só escolher, nos trabalhos individuais de cada uma, músicas que tratam do próprio índio e de temas como natureza, vida, liberdade — elementos de afinidade com o índio. Segundo Tetê, a única preocupação foi a de fazer um "show total", que flua com a naturalidade de um rio. "É um espe-

táculo cheio de momentos de encontro", acrescenta Marlui, para explicar que as cinco se alternam entrando e saindo do palco, fazendo músicas a duas, três e quatro vozes. Elas só estarão efetivamente juntas, todas, em "Gira das Ervas", música de Luli e Lucina, numa sequência de canções originais dos índios Macurap, recolhidas por Marlui, e ainda numa outra música que reservam para o bis e não contam, "para não estragar a surpresa".

GRAVAÇÕES AUTÊNTICAS

Fazem parte ainda das comemorações da Semana do Índio os lançamentos de um livro e um disco. O livro é Vida e Morte de um Indígenista (Ícone Editora, Rua Anhanguera 56, tel.: 826-7074), uma coletânea de cartas e fotografias extraídas dos arquivos de Rubens Belluzzo Brando, médico indigenista brasileiro falecido em 1982. Organizado por Renee Fourpomme e Marcos Santilli, o livro mostra a experiência de Brando no prolongado contato que teve com grupos indígenas e expõe seus pontos de vista sobre a questão da saúde do índio.

O disco, intitulado Paiter Merewá (traduzindo: "Cantam os Suruí de Rondônia") apresenta uma seleção bastante abrangente e diversificada da música dos índios Suruí, nação às margens do Rio Guaporé, em Rondônia. São gravações autênticas, recolhidas em gravações de campo realizadas no período 1978-1983 por Marlui Miranda e pela antropóloga Betty Mindlin. Acompanha o LP um álbum de 12 páginas com fotos de Marcos Santilli, texto histórico-explicativo de Betty Mindlin e ainda — coisa inédita no Brasil — os textos de todas as canções, com transcrição fonética e tradução para o português.

Marlui Miranda — ela faz questão de ressaltar que não canta no disco — diz orgulhosa que "Paiter Merewá é a mais bem-cuidada produção fonográfica já realizada com índios brasileiros". Como coprodutora, ela teve a preocupação de selecionar as 28 faixas (aproximadamente 40 minutos, extraídos de cerca de 50 horas gravadas) a partir da importância de cada música como referência cultural, e não apenas em função da beleza ou da qualidade técnica da gravação. Teve o zelo de respeitar as tradições suruí, só incluindo, por

exemplo, gravações de pessoas ainda vivas. Procurou, enfim, a empatia com os 300 índios da nação Suruí para fazer um trabalho "o mais próximo possível do gosto deles".

Mas os cuidados na produção de Paiter Merewá foram ainda além. Pela primeira vez, todos os índios cujas vozes ou imagens estão no disco assinaram contrato, receberam cachês como músicos — segundo a tabela da Ordem dos Músicos — e pagamentos pelas fotografias e direitos artísticos. Toda a burocracia foi conduzida através da Funai e, segundo Marlui, acabou servindo para firmar procedimento legal a ser usado em casos futuros.

Sobre a música Suruí, ela diz que "não é rica em elementos como a xinguana, mas é plena de significados, expressa muito da cultura deles, na qual a música tem importância e influência fundamentais". O disco, que estará sendo vendido no Sesc-Fábrica durante os três dias da Semana do Índio, poderá ser também adquirido por reembolso postal à Memória Discos, Alameda Santos 2.500, Cerqueira César. O preço é Cr\$ 40.000.